

Revista de
Arqueologia Pública

ARTIGO

**ANTROPOLOGIA,
ARQUEOLOGIA E USOS DO
PASSADO DURANTE A
GUERRA FRIA**

**REGIMES AUTOCRÁTICOS, MILITARES E
PSEUDODEMOCRÁTICOS, O INSTITUTO COLOMBIANO
DE ANTROPOLOGIA E SEUS MODELOS DE COLOMBIANO
1950-1966**

Andrés Alarcón-Jiménez

Dossiê

No. 10
ISSN 2237-8294
dezembro de 2014

ANTROPOLOGIA, ARQUEOLOGIA E USOS DO PASSADO DURANTE A GUERRA FRIA

REGIMES AUTOCRÁTICOS, MILITARES E
PSEUDODEMOCRÁTICOS, O INSTITUTO COLOMBIANO
DE ANTROPOLOGIA E SEUS MODELOS DE
COLOMBIANO 1946-1966

Andrés Alarcón-Jiménez¹

Colombia is not a country of dictatorships. It is usually known for its civic tradition, alien to military governments... (LANGEBAEK apud FUNARI, ZARANKIN e SALERNO, 2009: 9).

RESUMO

Esse artigo é uma proposta de estudo.

Propõe-se a existência de um correlato entre Guerra Fria, Regimes políticos e Usos do Passado como forma de compreensão do processo de constituição do sujeito (no nível macro) durante processos de modernização. O correlato, nesse sentido, ligaria, no seu desenvolvimento processual, as políticas culturais da Guerra Fria e o processo de modernização e institucionalização das disciplinas antropológica, historiográfica e arqueológica; o processo gira ao redor da ideologia do “progresso” na América Latina. Considera-se esse processo como constitutivo do nosso universo presente. No caso local colombiano, esse processo se deu entre 1946 e 1966: fundar-se-ia o Instituto Colombiano de Antropologia em 1954, durante a ditadura de Gustavo Rojas Pinilla. O

¹ Antropólogo pela Universidade Nacional de Colômbia. Mestre e Doutor em História pelo IFCH, UNICAMP. Membro do Grupo de Pesquisa em Arqueologia da Repressão e da Resistência. E-mail: andalajim@yahoo.com.

universo rural se tornou espaço privilegiado simultaneamente da guerra contrainsurgente, das políticas desenvolvimentistas e, assim, espaço privilegiado da antropologia, da arqueologia e da sociologia. Nesse marco, os pesquisadores descobririam “indígenas”, “afro-colombianos” e “camponeses”, ademais do “patrimônio nacional”, “tradições”, “folclore” e “cultura material” antiquíssima. Institucionalmente, privilegiou-se o esquema evolucionista e do progresso sociocultural, o *ecologismo*, assim como o enfoque racial tripartite. Explicar-se-ia, por meio desses conceitos a *gênese da cultura* e o passado colombiano. Contudo, uma ruptura, própria da Guerra Fria, geraria um fenômeno notável: só uma parte dessa pesquisa alcançaria diretamente o público geral, *não só pelas* novas Mídias, mas pela educação concebida por três regimes conservadores consecutivos, católicos, tradicionalistas e anticomunistas moldados pela nova política e ordem global: um regime autocrático, um regime ditatorial e um pseudodemocrático denominado Frente Nacional.

Palavras-chave: Guerra Fria; Ditadura; Colômbia; Arqueologia; Antropologia; Progresso; Anticomunismo.

ABSTRACT

This paper is a proposal I have been developing as a general research program.

We propose a major work frame to study the possible correlations among Cold War, politics, and uses of the past as a mean to comprehend the constitution of the self, in the macro level, during modernization processes. We want to study the correlation among Cold War cultural politics and the process of modernization and institutionalization of Anthropology and Archaeology in Latin America, mainly around the ideology of “development”. That process is conceived as the founding base of our present and, in Colombia, that process took place between 1946 and 1966. The Colombian National Institute of Anthropology was created by Gustavo Rojas Pinilla, a conservative military dictator in 1954. The rural universe became the privileged scenario for counter-insurgent war, the government’s, developmental politics and the research subject of anthropologists, archaeologists and sociologists. In that process, researchers “discovered” the existence of *Native Americans, Afro-Colombians, Peasants, folklore traditions* and a new ancient material culture. Social evolution models, progress, ecologism and a new racial scheme became the privileged models to construct and explain Colombian culture and its past. This new knowledge did not reach directly the general public. New Mass Media and new cheap technologies were the main channels to capture the public’s eye, a public that kept being educated in a Colombian classic educational system developed by three consecutive, conservative, catholic, traditionalist and anti-communist regimes: an autocratic regime, a dictatorship and a pseudo-democratic form of government known as “*Frente Nacional*”.

Keywords: Cold War; dictatorship; Colombia; Archaeology; Anthropology; progress; Anticommunism.

RESUMEN

Este artículo es una propuesta de estudio.

Se propone la existencia de un correlato entre Guerra Fría, regímenes políticos y los usos del pasado como formas de comprender el proceso de constitución del sujeto (en el nivel macro) durante procesos de modernización. El correlato, en ese sentido, involucraría, en su desarrollo procesual, las políticas culturales de la Guerra Fría y el proceso de modernización e institucionalización de la Antropología y la Arqueología; el proceso giraría alrededor de la ideología de “progreso” en *Latinoamérica*. Se observa como tal proceso es constitutivo de nuestro presente. En el caso local colombiano, el ocurriría entre los años de 1946 y 1966. El Instituto Colombiano de Antropología sería fundado en 1954, durante la dictadura de Gustavo Rojas Pinilla. El universo rural se convertiría en el espacio privilegiado simultáneamente de la guerra contra-insurgente, de las políticas estatales desarrollistas y de la antropología la arqueología y de la sociología. En ese marco, los investigadores descubrirían a los “*indígenas*”, “*afrocolombianos*” o “*campesinos*”, el “*patrimonio cultural*” además de “*tradiciones*”, del “*folclor*” y de la “*cultura material*” antiquísima. Institucionalmente, se privilegiaría el esquema evolucionista y de progreso sociocultural, el ecologismo y el enfoque racial tripartite entre otros. Se explicaría la génesis de la cultura y el pasado colombiano por medio de esos conceptos. Sin embargo, debido a una ruptura en la cadena de producción y manufactura de la información, esa producción solo llegaría de forma parcial al público, no solo por medio de las nuevas tecnologías y nuevos Medios Masivos de Comunicación, sino también por medio de un sistema educativo de corte tradicional concebido por tres regímenes conservadores consecutivos, católicos, tradicionalistas y anti-comunistas: un régimen autocrático, uno dictatorial y uno *pseudodemocrático* llamado Frente Nacional.

Palabras clave: Guerra Fría; Dictadura; Colombia; Arqueología; Antropología; Progreso; El anticomunismo.

BREVE CONTEXTO.

Considere-se a ideia de que a construção do passado – manufaturado como história e memória- e o processo de constituição do sujeito são processos que acontecem, no nível individual, de forma simultânea, no cenário do corpo da pessoa. Todo indivíduo precisa construir de zero, e ao longo da vida, o “passado” que, devido às características da espécie, não é transmitidas pelos genes. Para construir e usar esse tipo específico de passado (a memória protética²) se requer de educação. Esse processo, no capítulo

2 Por médio desse conceito denominamos as extensões construídas e incorporadas a memória individual, a memória que se estende mais além da construída a partir das experiências do sujeito e inclui a de outros sujeitos, fictícios ou não, objetos, lugares, livros, etc. A existência de um sistema educativo e da escolaridade é um fator determinante nesse processo. Essa memória

da biografia que envolve a educação do sujeito, a institucional, a formal e a informal, se da em um conjunto de cenários diversos, em lugares e tempos concretos que constituem a matriz de Si, matriz complexa que envolve cultura material e imaterial, experiências, linguagem, memória, etc., que ele transforma e que o transforma com o fim de se apropriar dela e de si: a matriz que concebemos como o conjunto de universos materiais, humanos e socioculturais e políticos a partir dos quais, no tempo, cada um de nós constrói sua *persona*. Examinaremos a continuação, um desses cenários em relação, no nível macrosocial, a conformação dos campos profissionais e institucionais Antropologia e da Arqueologia na Colômbia, na época em que a Guerra Fria se fixou na região que conhecemos como , depois do sucesso da Revolução em Cuba³ (BETHELL e ROXBOROUGH, 1992; GRANDIN, 2004; LEFFLER, 2010 et. al. LEONOV, 1999; MATTHIAS, 2001; WILFORD, 2009; ZUBOK, 2007)NY, USA”, ”source”: ”Open WorldCat”, ”event-place”: ”Cambridge; New York, NY, USA”, ”abstract”: ”The aim of this volume is to establish that the period between the end of the Second World War and the beginning of the Cold War (1944-5 to 1947-8.

Debate-se nesse cenário, de forma ampla, a relação entre antropologia, regimes autoritários e modelos de ser “Humano”, de cultura e de cultura material no contexto da Guerra Fria. Na Guerra Fria, a produção, circulação e consumo da informação aumentou ao mesmo tempo em que sua manufatura sofreu modificações importantes: devido às novas tecnologias cada vez mais baratas e, ao mesmo tempo, controladas por grupos socioeconômicos e políticos específicos, o cinema, a televisão e a rádio, os jornais e revistas começaram a exercer um papel central na massificação de visões de mundo, discursos e práticas. *A lógica da guerra foi imposta* sobre o uso social da linguagem (visual, audiovisual), portanto na fabricação, manufatura e uso de visões de mundo. Isto é, discursos e práticas ver-se-iam separadas umas das outras com o fim de controlar a manufatura e acesso a informação. Assim, aquilo que as pessoas consumiam como discursos não correspondiam a maior parte do tempo com as práticas. (MEDHURST, 1997; MEDHURST e BRANDS, 2000). Ver-se-ia, nesse cenário, o incremento no uso

é, portanto, característica de cada tempo e relaciona-se com os *regimes historiográficos*, (DUX, 2011; HARTOG, 2012; GARCÍA, 1998; 2004; 2009).

3 Para uma análise e estudo compreensivo da história colombiana e do conflito armado, consulte o informe (<http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/micrositios/informeGeneral/>) na página do Centro de Memória Histórica (<http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/>). Os portais (<http://www.verdadabierta.com/>) e (<http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/colombia/index.htm>) também contém grande quantidade de informação facilmente acessível. A revolução cubana alertaria ao sempre vigilante aliado do Norte sobre o perigo das revoluções comunistas na região e favoreceria sua política privada de apoio aos regimes militares enquanto, publicamente, os condenava.

e a popularização de conceitos como o de “*paranoia*”, ou o de “*conspiração*”. Com efeito, a atmosfera de paranoia e de conspirações associar-se-ia às *práticas políticas que*, no processo, seria estendido ao médio cultural, científico e acadêmico particular da *época*. (APPY, 2000; FRANCO, 2002; SAUNDERS, 2000; WILFORD, 2009).

A separação da prática da política (aquilo que se pratica em segredo) e o discurso político (aquilo que as Mídias apresentam para o *público* como a realidade) geraria um clima de incerteza característico da Guerra Fria (cf. MORRIS, 2004; MEDHURST e BRANDS, 2000; LEONOV, 1999). Os discursos políticos das potências envolvidas mascaravam, mais além da dicotomia de bem ou de mal encarnado pelo inimigo, duas ideias muito semelhantes de economia, desenvolvimento e progresso contidas, aliás, em esquemas de estudo e análise da história e da antropologia semelhantes: o esquema do evolucionismo sociocultural, econômico e político do materialismo histórico. O conflito, claro está, nasce do seu uso e do norte que lhe dava cada superpotência, pois cada um aplicava-o e apoiava-o, porém, nos seus sistemas sociopolíticos, militares e culturais particular. Notável mente, o materialismo “americano” tinha sido “despolitizado”, no sentido de substituir o discurso comunista e socialista por um esquema liberal e por uma definição de ciência que, como veremos, apresenta-se como livre de ideologia.

A Guerra Fria se livrou, com esse intuito, em todos os campos da vida humana e em quase todo o globo terráqueo, sempre combinando a luta militar agressiva e a guerra súcia com políticas culturais. Os estudos culturais, do passado e do presente, foram redescobertos – como nos séculos XVIII e XIX- uma arma eficaz para criar conhecimentos dos outros, mas também para explicar, modificar e colonizar os *outros* (cf. APPY, 2000; FRANCO, 2002, SAUNDERS, 2000). Com efeito, historiadores, antropólogos e arqueólogos, os fabricantes de “visões de mundo”, de “culturas”, “etnias”, “*etnicidades*” ou “raças”, “gêneros” e “costumes”, cumpriram sua parte nesse cenário. No processo de institucionalização e modernização das disciplinas que se deram no Continente americano depois do fim da Segunda Guerra Mundial, e no cenário da nova guerra, eles passaram a ocupar lugares chave do Estado, da academia, do sistema escolar, da indústria cultural, do turismo, assim como da sociedade civil, pois suas ciências e produtos tornaram-se atrativos para os Estados.

É o caso da arqueologia que, devido a pesquisa do grupo encarregado do desenvolvimento da bomba nuclear para a Guerra do Pacífico, em uma das suas versões mais populares até o dia de hoje na região, apareceu fantasiada de cientificidade, neutralidade e objetividade. Como campo, a arqueologia tornar-se-ia a produtora oficial e órgão institucional de controle do uso e manufatura de *passados* e de *culturas*, de

civilizações e de cultura material. Certas escolas da arqueologia adotariam o discurso da promoção de teorias economicistas (ligadas as teorias de modernização estatal, desenvolvimento dirigido e aproveitamento de recursos) sobre o desenvolvimento e as mudanças socioculturais, políticas e ecológicas que, tanto no caso da arqueologia processual como da social latino-americana, estariam identificadas com os projetos políticos envolvidos na Guerra Fria. Por exemplo, cultura e ecossistema, noções vitais para arqueologia como para a economia e, portanto, para a luta armada, devieram objetos privilegiados de estudo das Humanidades engajadas com a política local, regional e global. Os recursos culturais, humanos e econômicos (dos territórios) passariam a ser protegidos pela UNESCO na forma de patrimônio da Humanidade (1949; 1972).

A arqueologia que se institucionalizou como A Arqueologia na América Latina nas décadas de 1950 e 1970, em detrimento de outras formas de fazer arqueologia, retomaria e institucionalizaria as ideias de “estado”, “progresso”, “desenvolvimento”, “médio ambiente”, “ecologia” e outras categorias da antropologia norte-americana e passaria a ser a administradora, legisladora e manufaturadora de tudo aquilo relacionado com o Patrimônio. Isto se deu porque, em tempos em que a ideologia do progresso e da “*american way of life*”⁴ estavam se tomando o mundo (APPY, 2000; FRANCO, 2002;

4 Para a arqueologia processual, no espaço de uma guerra que lutava contra o nacionalismo de inspiração historiográfica, *não havia história, havia evolução humana e progresso*, norteadas por leis gerais derivadas da sua peculiar mistura de evolucionismo comtiano e darwiniano. O ser humano, nesse marco, era mais uma espécie e a cultura uma adaptação específica dele a um lugar e tempos concretos. Pensava-se também que, no registro arqueológico, não havia elementos culturais, linguísticos, etc., pois esses elementos são particulares de pessoas e culturas vivas que não existiam já mais, porque seu período favorito era a pré-história. No registro encontram-se, portanto, traças do comportamento de humanos organizados em *polities*, cujo grau de desenvolvimento sociopolítico e tecnológico está relacionado com fatores ecológicos e geográficos, entre outros, apresentados como “variáveis”. Tudo isso era - é - suscetível de ser reconstruído pelos métodos da arqueologia. A História, nesse marco teórico, foi reduzida a “produto cultural”. Um discurso subjetivo que distorcia a *verdade*. Essa escola desligaria a origem e significado comum de *evolução e história* (cf. INGOLD, 1992) de forma tal que um ou outro termo identificava os arqueólogos de verdade – e os separava dos de mentira, (BINFORD, 2004; TRIGGER, 2006). O ser humano é, nesse quadro, um mau intérprete de si. O arqueólogo não é, pois conta com as suas ferramentas que o tornam superior para compreender aos humanos normais... (BINFORD, 1962; 1967; 2004) and that explanations of differences and similarities between certain classes of material culture are inappropriate and inadequate as explanations for such observations within other classes of items. Similarly, change in the total cultural system must be viewed in an adaptive context both social and environmental, not whimsically viewed as the result of “influences,” “stimuli,” or even “migrations” between and among geographically defined units. Three major functional sub-classes of material culture are discussed: technomic, socio-technic, and ideo-technic, as well as stylistic formal properties which cross-cut these categories. In general terms these recognized classes of materials are discussed with regard to the processes of change within each class. Using the above distinctions in

GILMAN, 2003; LATHAM, 2000; MEDHURST e BRANDS, 2000; PATTERSON, 2001; SAUNDERS, 2000; SCHOFIELD e COCROFT, 2009; WAX, 2008). Arqueólogos e antropólogos promoveram seus métodos científicos como de ajuda vital para o estudo da economia e das populações humanas, como forma de estudar o desenvolvimento do presente pelo estudo científico do passado, pois seus produtos permitiam compreender a história do Ser Humano como espécie (WHITE, 1945; CARNEIRO, apud DOLE e CARNEIRO, 1960; cf. BINFORD, 2004; cf. TRIGGER, 2006; cf. PATTERSON, 2001; cf. LATHAM, 2000).

Essa arqueologia se oficializou e popularizou eventualmente por outros médios: uma estratégia para captar mentes foi outorgar bolsas de estudo. Bolsistas da América do Sul, Central e da Europa se formariam nos Estados Unidos, em cursos diversos de pós-graduação oferecidos para os *latinos*. As novas camadas de estudantes espalhariam essa mensagem para seus países e levariam aos seus profetas para casa. O caso do Brasil, durante a ditadura (1964-1985), como o da Colômbia, é exemplo disso (FUNARI, 2013). No polo contrário, uma parcela de arqueólogos tentaria apresentar outra forma de estudar o pretérito, em clara oposição a esse fenômeno educativo e cultural: na reunião de 1975 no México, e seguindo a obra do peruano Luis Guillermo Lumbreras (1981; LORENZO, 1976), vários pesquisadores fundariam o movimento da arqueologia social latino-americana⁵. Tratou-se de um projeto teórico e prático, historiográfico e político abertamente nacionalista, marxista e anti-imperialista, no espírito “comunista” da *época*. (PATTERSON, 1994; cf. OYUELA-CAYCEDO et. al., 1997). Essa “América Latina” inserida na ideia da arqueologia social era concebida como uma região unida ao redor de projetos políticos e culturais específicos; concebia-se nesse espaço, um passado de base histórica baseada na Independência dos grandes poderes e na luta anti-imperialista, materialista e marxista, e pretendia combater o materialismo aparentemente despolitizado gerado nas ideologias do materialismo da arqueologia norte-americana⁶ que estava reescrevendo a história da região em favor de

what is termed a systemic approach, the problem of the appearance and changing utilization of native copper in eastern North America is discussed. Hypotheses resulting from the application of the systemic approach are: (1.

5 Por trás desse fenômeno, ou junto com ele, estava o Pan-americanismo, política continental promovida nos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial, que competia com o forte Hispanismo existente na região. Filosofia das elites brancas e católicas, a *Hispanidad* (fenômenos norteados pelo amor à Espanha), essa ideologia sonhava, com saudades, por uma *Hispano-américa* unida e católica, como promovia o *Franquismo* (DIFFIE, 1943; CF. CARRANZA, 2006).

6 No caso da Colômbia, os sucessivos governos desenvolveram o norte da política exterior olhando para os Estados Unidos, apesar de que vários dos seus saudosos líderes continuaram e

um passado livre de nacionalismos.

Entre os anos 1946 e 1966 Colômbia, país conservador, de posição geoestratégica importante no norte da América do Sul, aliado incondicional dos Estados Unidos, passou de um governo liberal a um conservador; após os violentos sucessos de abril de 1948, e logo do governo conservador de Ospina Pérez, *chegou ao poder* o regime autocrático, de corte fascista, de Laureano Gómez – que envolveu a Colômbia na Guerra da Coreia – e, posteriormente, a ditadura de Gustavo Rojas Pinilla, (CHAMORRO, 1986; HARTLYN, 1984; MANRIQUE, 2005; ERAZO, 1999). Em 1957 a ditadura foi substituída pelo Frente Nacional, sistema pseudodemocrático onde o Partido Liberal e o Conservador alternavam o poder cada quatro anos, decidia-se o presidente antes das eleições e logo, abriam-se as urnas. Nesse período se daria a constituição do campo profissional da Antropologia, da Arqueologia e da Historiografia colombiana, sempre ao redor dos projetos de desenvolvimento do Governo como aos projetos sociopolíticos e culturais dos dois partidos.

Do lado das ideologias, e junto a mudança de regime e sua inserção no cenário global, a OEA⁷, o Vaticano e os políticos colombianos condenaram publicamente o “comunismo” e a sua infiltração nas Américas. Esse foi o objetivo da reunião da OEA em Bogotá. O dia 9 de abril de 1948, durante essa reunião, seria assassinado o líder liberal Jorge Eliécer Gaitán⁸, evento que gerou a maior e mais brutal onda de violência, urbana e rural na Colômbia, cujas sequelas perduram até o dia de hoje. Logo após as ondas de destruição, o Governo conservador solicitou assistência de órgãos internacionais. Estados Unidos enviou missões militares e econômicas destinadas à recuperação e reconstrução de um país sumido na guerra civil. Essas missões fizeram diversos diagnósticos da economia, do exército e das populações colombianas, e descobririam que o universo rural existia e que estava empobrecido e abandonado. Essa situação tornou-se prioritária de ser corrigida, pois as revoluções e a guerra na Colômbia estavam definitivamente relacionadas com essa situação do campo. Pior ainda, o triunfo dos guerrilheiros cubanos estava-se apresentando como formas e modelos econômicos viáveis e alternativos para solucionar esse tipo de desigualdades.

O campo colombiano tornou-se, a consequência disso, o cenário da guerra. Ao mesmo tempo, durante o regime autocrático de Gómez, durante a Ditadura e logo no

apoiaram sempre a iniciativa *pro-hispânica*, (TORRES, 2009; 2010).

7 <http://www.oas.org/juridico/english/treaties/a-42.html>

8 Como consequência diplomática e política do assassinato de Gaitán, atribuído automaticamente ao “comunismo internacional”, Colômbia romperia relações com a URSS.

Frente Nacional, as necessidades apontadas pelas missões, fomentariam a pesquisa antropológica e arqueológica institucional. Nesses anos, os governos tomam medidas que as definiriam como campos profissionais: com efeito, a sociologia, a antropologia e a arqueologia⁹ foram reconstituídas como disciplinas pelo Estado. A cultura, concebida como objeto de estudo, mas sobre todo como arma de transformação e controle populacional, tomaria força desde o nível mais básico, pois se instrumentalizariam uns discursos educativos, historiográficos e culturais específicos, e derivados claramente das políticas gerados desde o campo econômico que tomava conta da política local, regional e mundial (GHODSEE e DORN, 2012; MORAND, 2008; 2011; 2012).

O *passado* e a *cultura* tomariam de novo, nesse contexto, um lugar privilegiado como armas do desenvolvimento nacional. Assim, e tendo como alvo a formação de novos colombianos, no universo rural e urbano – agora feito o universo privilegiado da economia, pois a cidade definir-se-ia como motor da economia, e junto a essa modernização dos campos profissionais, como dos grêmios econômicos e militares, a história e os costumes nacionais, manufaturadas no modelo clássico de começos do século XX no país, tornaram-se de novo, ferramenta formadora de cidadãos:

*Que el conocimiento de la historia patria, el culto a los próceres y la veneración por los símbolos de la nacionalidad son elementos inapreciables de fuerza social, de cohesión nacional y de dignidad ciudadana; Que la educación debe tener una función eminentemente social, y todas las materias de los pñsumes y programas escolares deben estar orientadas a formar en las nuevas generaciones hábitos democráticos, de decoro personal y de orgullo nacional; Que los graves acontecimientos que en los últimos tiempos han agitado a la República han puesto de manifiesto, una vez más y con caracteres de grande apremio, que el estudio concienzudo de la historia patria y la práctica de las virtudes cívicas por todos los hijos de Colombia deben ser preocupación permanente y desvelada del Gobierno...*¹⁰

O passado colombiano tornar-se-ia, definitivamente, a matriz a partir da qual se criariam os novos cidadãos da Colômbia moderna e livre de comunistas. Nesse processo, desde a escola primária até o nível universitário instrumentalizaram-se modelos

9 Veja-se o plano de estudos assinado por Rojas Pinilla em: http://www.icanh.gov.co/grupos_investigacion/antropologia_social/publicaciones_seriadas_antropologia/revista_colombiana_antropologia/7300

10 Nesse ano, se reformaria de novo a educação segundo o modelo católico e conservador (MOLANO, 1979; MOLANO e VERA, 1982). O estudo da história pátria receberia nova ênfase e apoio estatal dentro desse contexto sociopolítico, religioso, cultural e anticomunista. O trecho reproduzido é o primeiro parágrafo do decreto 2388 http://www.mineducacion.gov.co/1621/articles-103421_archivo_pdf.pdf, que trata da educação em história pátria. Manter-se-iam, nesse sentido, as atribuições institucionais da Academia de História, que contaria, desde 1952, com o Instituto Colombiano de Cultura Hispânica como aliado ideológico.

concretos de “camponês”, “indígena” e “afro-colombiano”, de “folclore nacional” e, em resumo, de como eram ou deviam ser os “colombianos”. Os colombianos, seus *hábitos*, *costumes* e *linguagens* tornaram-se objetos e sujeitos da pesquisa, mas junto com a definição do campo, e salvo em casos específicos, os produtos dos novos agentes do conhecimento acadêmico não seriam popularizados diretamente, mas seriam apropriados pelo Estado. (CHAMORRO, 1986; cf. BOTERO, 2006; LANGEBAEK, 2003; LANGEBAEK e BOTERO, 2009; CAMACHO, 2005; 2007). Simultaneamente, pelas novas Mídias, a cultura colombiana chegaria ao público infantil, juvenil e adulto manufaturada como “folclore nacional”, como “formas de falar espanhol corretamente”, mas, também, como país onde se começaria a consumir a cultura de forma massiva, manufaturada globalmente e pautada sobre a Guerra ideológica livrada agora em uma escala massiva nunca antes vista. Com efeito, nas escolas dar-se-ia, desde começos da década de 1950, uma maior *ênfase a popularização de um conjunto de práticas denominadas “folclore nacional”*, do estudo dos costumes hispanos, do estudo e uso correto do castelhano. Ao mesmo tempo, mantiveram-se os modelos nem os conteúdos do ensino da história nem de outras disciplinas relacionadas à formação de novos colombianos. Houve o boom literário da América latina que, comercialmente, levaria ao público geral a ideia de culturas nacionais e regionais bem sucedidas, mas cosmopolitas. Aumentaria, pelas novas tecnologias, o consumo de jornais, de rádios, de televisores (introduzidos pelo ditador Gustavo Rojas Pinilla), do cinema, do incremento nas formas de se comunicar e se deslocar pelo país e pelo mundo: as novas mídias atingiram de forma efetiva aos colombianos. Isto se daria junto, não só com o deslocamento da população rural para as cidades, como estabelecido pelo Plano *Currie* e como fenômeno causado pelo incremento na atividade militar no campo; formar-se-ia uma nova classe média urbana, educada nas novas faculdades, com acesso a um maior volume de bibliografia e de ideias, com maior poder aquisitivo (podiam ter mais livros, educação completa, televisores e rádios e começariam a se educar em uma segunda ou terceira língua, principalmente o inglês e o francês) e de circulação (podiam viajar ao exterior).

Essa nova “*colombianidade*” manufaturada, modificaria o processo de constituição de sujeitos que, por um lado educavam-se com uma ideia de história de começos de século XX, por outro com uma ideia de cultura nacional manufaturada durante os regimes ultraconservadores como por médio dos discursos e práticas – manufaturadas no país e fora dele- transmitidas de forma quase simultânea com outras regiões produtoras e consumidoras de bens culturais, pela televisão, rádio, cinema e demais canais das novas Mídias. O turismo também se tornaria parte da economia do

progresso e, nesse processo, a cultura local, regional e nacional tornar-se-ia bem de consumo e manufatura privilegiada e na Colômbia, os regionalismos, por exemplo, e suas culturas específicas tornaram-se objetos de consumo como de identidade. Entre os agentes manufaturadores dessa nova cultura colombiana encontramos antropólogos, arqueólogos, historiadores, sociólogos e figuras da literatura, das artes, da ciência. Na lógica da Guerra Fria, encarnar-se-iam como os agentes de luta em ambos os lados, como agentes colaboradores, como figuras de resistência, como figuras neutras, frias, cientificamente engajadas só com a ciência, pois nesse plano, ser colombiano também estaria sujeito às flutuações e pautas discursivas da Guerra Fria (e o debate entre arqueologia processual – sua institucionalização como discurso cientificista- e a social latino-americana – e sua marginalização e esquecimento - é um campo privilegiado para estudar as nossas ideias).

A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, UMA VARIÁVEL DEPENDENTE DA ESTRUTURA SOCIAL: O CASO DA COLÔMBIA¹¹.

Na última década, na Colômbia, a efetividade da implantação da mentalidade da Guerra Fria e do uso do passado e da cultura como médio de doutrinação, em todo nível, mediático ou não, tornou-se explícito. A explicitação da lógica da guerra fria na Colômbia, antes semioculta, foi resultado dos sucessos de 2001 quando o governo colombiano fez público o discurso militarista que sempre havia existido na penumbra. Junto com essa propaganda explícita, como paliativo, surgiria a *Comisión Nacional de La Memoria Histórica*, cujos informes revelariam a escala humana da guerra na Colômbia.

¹¹ Para a escrita desse apartado, seguimos principalmente a obra de Milcíades Chaves (1986), antropólogo colombiano que faz um retrato da disciplina ligando-a ao universo sociopolítico e cultural colombiano e o clássico da sociologia colombiana, *La Violencia en Colombia: estudio de un proceso social* de Fals Borda, Umaña Luna e Guzman Campos, (1963). Apoiamos-nos em obras de Botero, Langebaek e Pineda Camacho, (BOTERO, 2006; LANGEBAEK e BOTERO, 2009; LANGEBAEK, 2003; LANGEBAEK apud FUNARI, ZARANKIN e SALERNO, 2009; CAMACHO, 2005; 2005). Chaves, diferente de outros autores, mas reproduzindo uma ideia que até Langebaek conserva (2009), reconhece que trabalhou para a ditadura. Porém, tenta se desligar dela, pois afirma que, como todos, no começo, achavam-a “boa”. Duas ideias, concomitantes, derivam-se dessa época e se conservam: a ideia da continuidade democrática na Colômbia, tradição “alheia às ditaduras militares” que Langebaek reproduz; e a ideia de que a de Rojas Pinilla foi um tipo de *ditabranda* é mantida por muitos autores até o dia de hoje e por esse motivo ou rejeitam a ideia de que “era como as outras de América Latina”, ou até retratam o ditador como mártir (ERAZO, 1999).

A tensão entre realidade histórica e propaganda política nesse país constitui o motor da guerra pela memória que ainda vai vencendo a grande Mídia. O controle do “passado” manufaturado, nesse sentido, no presente (sempre em constante movimento histórico (o progresso), como predito e estabelecido pela antropologia e pela arqueologia), assim como o “ser humano” manufaturado (por exemplo, o *cidadão*) na constante tensão entre indivíduo e o grupo e entre ele a sua realidade material, tornar-se-ia o elemento chave para modelar o futuro e, dessa forma, ter maior controle sobre o devir do presente, (FOUCAULT, 1988; 1997; 2000; 2008).

Desde tempos da ditadura, a política positiva de levar progresso, de apoiar o povo no seu desenvolvimento pelo reconhecimento oficial das suas crenças e costumes, foi apropriada (senão nasceu no seio do Estado) e tornada a *colombianidade* oficial, estatizada, fixada em símbolos, narrativas, etc. Sua manufatura, circulação e uso, até o dia de hoje depende de uma parca iniciativa econômica Estatal e privada (setor privilegiado, alias, pelo estado, como baliza da Cultura na Colômbia) que limita a produção no campo, do apoio a discursos visuais, audiovisuais, educativos, literários, musicais, museológicos, (etc.), específicos.

Após a crise econômica de 1929, o governo conservador, instalado após um golpe de estado em 1900 e a Guerra dos Mil Dias, perdeu poder, que passou ao partido Liberal. Os dois primeiros governos tentaram subsanar a economia nacional aplicando reformas no molde do *New Deal* de Roosevelt. Para a *década* de 1940, durante a Guerra, e como consequência dela se fundaria a Escola Normal Superior, cujos cursos de Etnologia e de Arqueologia seriam organizados por Paul Rivet, quem como outros professores da instituição tinha se refugiado no país. Fundar-se-iam eventualmente o *Instituto Etnológico Nacional*, ligado ao projeto de Paul Rivet e o *Serviço Arqueológico Nacional*, ambos de modesta, mas influente produção intelectual. Enquanto o campo da Historiografia se renovaria na década de 1960 (AGUDELO, 1976), no nível universitário, o ensino de História e o projeto cívico, porém, manteriam o esquema conservador institucionalizado no começo do século XX.

Uma nova etapa, duradoura, marcante, definidora e brutal, de violência política e social, estava tomando forma, principalmente no campo colombiano. As formas de propriedade e uso da terra era o motor da Guerra interna. Em 1946, depois de concluída a Segunda Guerra Mundial, o partido Liberal, ferido pela difícil situação do pós-guerra como por divisões internas, perdeu o poder e o partido Conservador o retomou. Devolveu-se a educação à Igreja Católica e se avivou a chama da guerra civil, pois se excluiu o partido Liberal do poder. O anticomunismo tornava-se ideologia e política do Estado. No

campo, facções e guerrilhas se enfrentavam. De fora, entravam armas e ideias apoiando os grupos comunistas que começavam a ganhar força e fazer presença no território. Em 1948, durante a IX Conferencia Pan-americana, que procurava condenar o Comunismo como ideologia alheia ao Pan-americanismo¹² democrático, e como ameaça global para as Américas, o dirigente liberal Jorge Eliecer Gaitán foi assassinado¹³. Nesse mesmo ano, o presidente Mariano Ospina Pérez trouxe uma missão norte-americana comandada pelo economista Lauchlin Currie (WORLD BANK, 1952¹⁴; cf. ARÉVALO, 1997; PINZON e MOTTA, 2009), cujo informe, pautado na ideologia do progressismo, da modernização, (LATHAM, 2000; cf. HALPERÍN-DONGHI; cf. GILMAN, 2003) pela implantação de uma forma de democracia específica e de capitalismo, como definido pelos Estados Unidos, tornar-se-iam paradigmáticos, no sentido de marcar um norte para a economia e cultura nacionais.

Em 1949, toma o poder o dirigente conservador, de tendência *franquista*, *hispanófila*, racista e católica, Laureano Gómez. Ospina Pérez e Gómez planejam o fechamento do Congresso para evitar a ação política do partido Liberal, contra a deles. Decretam o Estado de Sítio. Gómez seria eleito presidente no ano seguinte e tentaria reformar a constituição. A sua política conservadora fecharia o *Instituto Etnológico* e o *Serviço Arqueológico*. Dividiria a Escola Normal em duas sedes. (CHAMORRO, 1986; cf. CARRANZA, 2006). No governo de Gómez fundar-se-ia também o *Instituto Colombiano de Cultura Hispânica (1951)* com o qual pretendia-se dar maior ênfase

12 O pan-americanismo, atribuído a Simón Bolívar (http://www.oas.org/en/about/our_history.asp), seria uma noção e visão de geopolítica apropriada pelos Estados Unidos. Seria desenvolvida e misturada com política externa a partir da Doutrina Monroe, no fim do século XIX. Após 1930, e finalizada a guerra, por solicitude de três países, incluindo a Colômbia (TIMES, 1936), tornar-se-ia uma instituição norteada pelos interesses do país do norte ao longo desse século (BETHELL e ROXBOROUGH, 1992; CASTRO, 1959; LEFFLER, 2010; MCSHERRY, 2005; VALLADAO, 1995) NY, USA”, ”source”: ”Open WorldCat”, ”event-place”: ”Cambridge; New York, NY, USA”, ”abstract”: ”The aim of this volume is to establish that the period between the end of the Second World War and the beginning of the Cold War (1944-5 to 1947-8).

13 A Guerra civil interna arrasaria o país, enquanto os Conservadores no Poder como o representante militar norte-americano acusava o Comunismo internacional de ter assassinado o poderoso e popular dirigente. A Colômbia, com efeito, fechou as relações políticas e econômicas com a URSS. O assassino foi linchado e, assim, o crime ficou sem resolução. Para 1960, contar-se-iam quase 250.000 mortos e um catálogo de formas de morrer aterrorizante.

14 A missão viajou para a Colômbia por pedido do governo colombiano depois da violência desatada pela morte de Gaitán. Currie tinha trabalhado com Roosevelt no desenvolvimento do *New Deal*. O Banco que deu apoio à missão foi o *International Bank for Reconstruction and Development*, instituição surgida em 1944 da Convenção em Breton-Woods e destinada pelos Aliados para reconstruir Europa. Currie, por diversos motivos, permaneceu na Colômbia até sua morte na década de 1990, sempre sendo referencia dos economistas nacionais.

ao estudo das tradições e histórias hispanas na Colômbia, em oposição ao ênfase dado ao indigenismo que caracterizou a etapa da Escola Normal Superior. Gómez daria um golpe de estado ao declarar o Estado de Sítio e fechar o congresso, entre outras coisas. Convocou uma constituinte que pretendia criar um estado corporativista e, nesse sentido, conseguiu promover a fundação dos grêmios econômicos. Anticomunista de coração – para ele como para a maior parte dos habitantes da América Latina, comunista define-se como todo aquele que não confere com a ideologia conservadora particular-, mas temeroso ou respeitoso com os Estados Unidos, mandaria tropas para Coreia, como apoio do lado norte-americano. Por problemas de saúde, teria de delegar o poder, mas não o abandonaria.

Em 13 de junho de 1953, seria derrocado por um golpe liderado por Gustavo Rojas Pinilla, militar, também conservador e católico, admirador de Franco e de Perón, anticomunista, pelo qual Gómez guardava grande ressentimento. O presidente derrocado se exilaria na Espanha. O golpe foi comemorado pelos Liberais e pelos conservadores de outras facções contrárias a de Gómez, representada por Gilbert Alzate Avendaño, conservador de ultradireita nacionalista, de grande influência e poder no país. Em 1954, durante a Ditadura, nasceria o ICAN, Instituto Colombiano de Antropologia como estratégia do Governo. Os ministros da ditadura convocariam vários dos seus pesquisadores, estudantes de Rivet e formados na Escola Normal Superior para conformar parte do Governo, na *Comision Nacional de Seguridad Social del Campo* encarregada do diagnóstico do estado do campo colombiano. Durante a ditadura vieram mais duas missões econômicas, além das militares: a do sacerdote Leuret e a da CEPAL. Cada uma publicaria estudos sobre o estado do país se centrando no campo e nos camponeses. Os antropólogos, arqueólogos (e sociólogos) redescobririam nesse processo o esquema racial (racista) e culturalista tripartite. Assim, a colombianidade do cenário rural estudado, explicar-se-ia pela presença de mestiços, indígenas e afro-colombianos e suas interações durante a História.

Em 1957, o político liberal Lleras Camargo viaja à Espanha, à cidade de Benidorm onde encontra Gómez. Pautam o que seria a Frente Nacional, sistema de governo *bi-partidista* pseudodemocrático, no qual um candidato, que já tinha sido eleito, concorria com outros. Em 1958-59, após a Revolução Cubana triunfar, diversas missões norte-americanas, militares e econômicas, chegariam ao país. Em 1964, graças a empréstimos norte-americanos e em 1966, seguindo pautas da CEPAL (CHAMORRO, 1986), criar-se-iam as duas primeiras faculdades de antropologia na Colômbia. Já existiam várias de Sociologia nascidas em contextos católicos que, como parte da tradição nascida com Leão XIII, e reforçada em 1948 com Pio XII; que declarou de novo o comunismo como

um perigo, estudava agora aos setores populares com o intuito de fornecer soluções sociais para grupos que, por outro lado, eram os alvos prediletos dos “comunistas” ou “socialistas”.

Ao mesmo tempo, o discurso político e a prática política divorciaram-se. Um discurso positivo de progresso e qualidade de vida pública contrastava com a política militarista do Estado e dos grupos que se declaravam em guerra contra ele. Desde finais da década de 1950, se não desde antes, começaram chegar missões militares norte-americanas na Colômbia, de forma secreta: isto é, não seria feito público mesmo que os jornais tomaram nota e publicaram, de forma crítica, notícias sobre a presença de “assessores” no país. Diversos tipos de guerrilhas e violência espalhados pelo território, muitos deles com conexões internacionais, representavam um perigo para a região, mas, sobretudo, tornaram-se um perigo real após o triunfo da Revolução de Cuba.

Em 1961, ao mesmo tempo em que se explorava publicamente a imagem positiva e democrática do presidente Lleras Camargo¹⁵, atribuindo-lhe ele popularidade, assertividade e a responsabilidade pelas boas políticas, o governo, seguindo seus assessores, criava o DAS, Departamento Administrativo de Segurança Nacional, encarregado da espionagem como da polícia secreta do país. Eventualmente se instituiria o plano Laço, plano contrainsurgente que incluiria atividades nos centros urbanos, principalmente, no campo colombiano. Os militares colombianos iriam treinar na Escola das Américas e a *perseguição do Estado aos inimigos teria* como resultado, a partir de 1970, quando começam os registros publicados em 2014, um número incrível de desaparecidos, relacionados com partidos, movimentos ou grupos de esquerda (GILL, 2004; REMPE, 2002)¹⁶.

15 Lleras Camargo seria um grande amigo de J. F Kennedy e junto com ele, tentariam tornar Colômbia o modelo, a vitrine, de país da *Aliança para o Progresso* para a região.

16 Também coincide com essa “guerra fria”, o estabelecimento violento de governos ditatoriais e militares, geralmente anticomunistas (salvo nos casos específicos de Cuba e, posteriormente, Nicarágua e Peru), América Latina, África ou Ásia. Até na Europa, onde a península ibérica veria regimes da pré-guerra perdurar até quase fim da década de 1970. Com efeito, estamos numa região onde a tradição militarista ou democracias de papel, a maior parte de marcado caráter anticomunista (onde por comunismo se entende qualquer coisa), tem comandado a política nacional e regional: Argentina (1943–1946; 1955–1958; 1966–1973; 1976–1983); Bolívia (1936–1947; 1951–1952; 1964–1971; 1971–1982); Brasil (1930–1945; 1964–1985); Chile (1973–1990); Colômbia (1954–1957; 1958–1960; Frente Nacional: 1960–1991); Cuba (1933–1940; 1952–1959; 1959–presente); República Dominicana (1930–1961); Equador (1937–1938; 1963–1966; 1972–1979); El Salvador (1931–1980); Guatemala (1931–1945; 1957–1958; 1963–1966; 1970–1986); Haiti (1950–1956; 1986–1990; 1991–1994); Honduras (1956–1957; 1963–1971; 1972–1982); México (Gobierno del PRI: 1946–2000); Nicarágua (1936–1956; 1967–1979); Panamá (1968–1989); Paraguai (1940–1948; 1954–1993); Peru

Desenvolvimento, progresso e cidadania seriam, portanto, conceitos e projetos políticos importantes na guerra fria na Colômbia, onde a Guerra Fria era, como acostuma-se pensar tradicionalmente, um conflito alheio, longínquo e estrangeiro. Mesmo que o modelo socialista tentava se abrir espaço na região e no país, o modelo de vida norte-americano tornar-se-ia, por todos esses meios o “modelo” de vida bem sucedido (modelo que incluía um estilo de vida como uma estética). Desde 1948, desde a OEA promovia-se um modelo de ser Humano que correspondia com o projeto pan-americanista:

*The American peoples have acknowledged the dignity of the individual, and their national constitutions recognize that juridical and political institutions, which regulate life in human society, have as their principal aim the protection of the essential rights of man and the creation of circumstances that will permit him to achieve spiritual and material progress and attain happiness... **Since culture is the highest social and historical expression** of that spiritual development, it is the duty of man to preserve, practice and foster culture by every means within his power. And, since **moral conduct constitutes the noblest flowering of culture**, it is the duty of every man always to hold it in high respect¹⁷.*

Em decorrência dos estudos das missões nacionais e estrangeiras, se construiu uma estrutura ideológica e política que, no nível governamental, ajudaria a instrumentalizar

(1933–1939; 1948–1950; 1962–1963; 1968–1980); Suriname (1980–1988); Uruguai (1973–1985); Venezuela (1908–1935; 1948–1958; *Pacto del Punto Fijo*: 1958-1999); Espanha (Ditadura Militar: 1939-1942; Cortes Espanholas: 1942-1975); Portugal (Estado Novo: 1933-1974). Na Colômbia, sem necessidade de golpe de estado (já tinha provado sua futilidade no combate à pobreza e aos insurgentes), a Frente Nacional desenvolveria uma estratégia militar comandada pelos Estados Unidos por meio de operações encobertas. (TORRES, 2009; GILL, 2004; FAJARDO, 2003; CAMPOS, BORDA, e LUNA, 1962; HARTLYN, 1984; REMPE, 2002). Sendo democracia aparente falhou de imediato, pois excluiu vários grupos e movimentos sociais. Rojas Pinilla, o antigo ditador absoluto já, candidatou-se às eleições de 1970. Desde sua renúncia tinha fundado um partido político (ANAPO) e venceu as eleições pela via democrática. Contudo, a Frente Nacional já tinha escolhido o candidato conservador como presidente, assim que o presidente mandou todos dormir pela TV e pela Rádio e se mudaram os resultados para favorecer Misael Pastrana, presidente entre 1970-74. Desse fiasco, nasceria eventualmente o movimento guerrilheiro M-19. Outro exemplo, em 1964, pela pressão de membros do partido conservador sobre o presidente Valencia, o exército iria atacar a grupos insurgentes que, malfeitos e pessimamente executados, geraram uma das maiores organizações guerrilheiras colombianas, as FARC, (cf. MOLANO, 2014). A relação das guerrilhas com as universidades também gerava problemas e políticas de assédio por parte do Governo e suas novas instituições de segurança interna e espionagem. Um exemplo marcante foi o caso do sacerdote, professor universitário e sociólogo Camilo Torres que se uniria à guerrilha do ELN, comandada por sacerdotes espanhóis, e logo seria morto pelo exército.

17 https://www.oas.org/dil/access_to_information_human_right_American_Declaration_of_the_Rights_and_Duties_of_Man.pdf

uma economia que visasse melhorar o *standard* de vida dos latino-americanos. O desenvolvimento foi um poderoso discurso para combater a ingerência do comunismo e evitar rebeliões e revoluções. Não só missões econômicas norte-americanas ou empréstimos bancários foram feitos para ajudar as economias da região, como os economistas iriam se educar nos Estados Unidos, como antropólogos, sociólogos ou historiadores. A CEPAL, organismo que opera na região, nasceria da iniciativa da OEA e por meio dela, se tentaria consertar o modo de vida da região, ainda atingido pelas estruturas, políticas, ordem sociocultural, práticas e dinâmicas coloniais e neocoloniais presentes na região. A ideologia do desenvolvimentismo passaria a ser tão natural que perderia como acontece hoje em dia, sua história, significado e genealogia. Tornar-se-ia apenas *tecnocracia*.

Sua natureza sociopolítica como os seus vestidos ideológicos, aparentemente, sumiram e ninguém duvida que o país precise progredir. A naturalização do modelo deu-se pelas Mídias como pelo sistema educativo. Como já foi dito, a Colômbia vieram às missões Currie (1948-1950), da CEPAL (1954), a de Le Bret (1955) durante a ditadura de Gustavo Rojas Pinilla (1953-1957) (ARÉVALO, 1997; PINZON e MOTTA, 2009).

A missão Currie é especialmente importante porque o informe que apresentaram ao governo colombiano continha uma orientação antropológica nova, cultural e historicamente alheia ao país. O modelo proposto pela Missão Currie estaria determinado pela ideologia do desenvolvimento apresentada tecnicamente como esqueleto de uma teoria econômica que cobre todos os aspectos de vida, pela economia, conceituada na figura do nível de vida (*standard of living*) associado à de natureza (*natural resources*), por um esquema antropológico marcadamente racial e cultural, a moda antropológica oitocentista. Isto é, classificando a população segundo cor da pele/cultura; esse esquema antropológico também estaria associado ao corpo mesmo, a definição da “*persona*”, mas agora estaria determinado pela economia (*manpower* e *productivity per capita*) como pela natureza do trabalho e pela localização geográfica (rural vs. urbano; cidadão vs. camponês). O informe da missão deixou claro que se precisava de pesquisa e investimento no campo. O governo de Rojas, para levar a cabo a instrumentalização desse esquema, em um país de economia rural centrada no café, aproveitar-se-ia da antropologia e da sociologia (por um lado, pois a estratégia precisava, pelo estado da segurança interna do país, de outras estratégias). O governo do ditador, que apresentava um discurso cultural muito específico, católico, bolivariano e anticomunista, identificou como seu maior alvo o campo colombiano, sua reforma e modernização, (Colombia y Dirección de Información y Propaganda 1953; CHAMORRO, 1986).

Os agentes da Ditadura começaram pela reforma do currículo de estudos do campo antropológico e arqueológico. Mas, depois de organizar o *Departamento de Seguridad Social Campesina*, comandado pelo geógrafo Ernesto Guhl, o ministro Caicedo Ayerbe e o ministro Pabón Nuñez convocaram um grupo de antropólogos, arqueólogos, geógrafos e historiadores para conformar as comissões e grupos de pesquisa que iriam para o campo estudar a população nacional. Com efeito, arqueólogos, antropólogos e sociólogos formados nos Estados Unidos com bolsas emitidas pelos Estados Unidos trouxeram modelos, metodologias, autores e técnicas novas. Tentaram substituir o esquema classificatório racista e cultural herdado da colônia, que incluía as três raças e suas misturas pelo esquema tripartite racial, cultural e histórico, dando menos *ênfase nas misturas, porém, focalizando a atenção na ideia de tropicalismo e de mestiçagem*. O trabalho de campo seria publicado em forma de livros pelo *Departamento de Seguridad Social Campesina* – confira-se, por exemplo, o de Camacho Giraldo (1955), ou em artigos na Revista do Instituto, entre 1957 e 1962 (cf. CHAMORRO, 1986)¹⁸. Os informes das comissões seriam referentes às publicações enquanto, por outro lado, apresentar-se-iam os quadros que cada pesquisador manufaturou a partir do trabalho de campo com os novos enfoques científicos¹⁹ (cf. CHAMORRO, 1986)²⁰. Por seu lado, a arqueologia colombiana não participa da reunião do *México e ainda privilegiaria o enfoque processual no nível institucional governamental*²¹. Com efeito, a arqueologia social não tomava conta da prática na Colômbia e autores como Oyuela-Caicedo (1997), professor da Universidade da Flórida, até tentam reivindicar uma arqueologia “social” colombiana, engajada e de sabor “cosmopolita” como forma de defender a disciplina

18 http://www.icanh.gov.co/grupos_investigacion/antropologia_social/publicaciones_serias_antropologia/revista_colombiana_antropologia/8716. No link podem-se consultar todos os números da década de 1950.

19 Simultaneamente os folcloristas e membros do Instituto Colombiano de Estudos Hispânicos, o Instituto Caro y Cuervo (que se ocupa dos assuntos linguísticos nacionais), como a Academia de História trabalhariam pela cultura e patrimônio nacional: nos costumes colombianos, na classificação das regiões e suas culturas locais, das falas e das línguas, da história colonial. Junto com os antropólogos reforçariam o esquema tripartite e mestiço, multicultural e nacional, escrito na língua oficial castelhana, que conformam a *trindade* do Ser Colombiano (católico).

20 Já desde começos da década, mas, sobretudo, depois do massacre indígena de 1966, a antropologia e sociologia tomariam um caminho radicalmente diferente. Enquanto se formavam e fortaleciam os movimentos estudantis no interior das universidades, diversos docentes novos desenvolveriam tecnologias propriamente nacionais, como pode se conferir, por exemplo, nos trabalhos e ideias do sociólogo Fals-Borda ou do antropólogo Luis Guillermo Vasco (<http://www.luguiva.net>). O enfoque desses dois autores, construído por fora das lutas geopolíticas, e cuja metodologia ainda é diferenciada de outras da região, participaria dos movimentos sociais colombianos, indígenas e camponeses e daria uma face particular às disciplinas.

21 www.icanh.gov.co/grupos_investigacion/arqueologia/lineas_investigacion

pátria da literatura marxista que a excluiu. Porém, a esquerda, dentro do campo, seria, de fato, quase marginalizada (LANGEBAEK apud FUNARI, ZARANKIN, e SALERNO, 2009).

Desde 1950, o esquema tripartite seria inserido na fala dos colombianos pelos antropólogos. Esse redescobrimto das vozes e culturas indígenas e afro-colombianas, do patrimônio nacional material e imaterial, ganharia um cenário próprio e relevante no país, seguindo um “novo” modelo de “*multiculturalidade*”, na década de 1990; com efeito, junto com a chegada da pós-modernidade ao seio da antropologia nacional, viria à antropologia física e seu papel determinante na política e sistema judiciário nascido depois da oficialização da nova Constituição de 1991. Nessa constituição, e nessa década, ao mesmo tempo em que se impôs o neoliberalismo como política oficial, viria uma das mais brutais ondas de violência - relacionada a essa nova ordem política como ao narcotráfico-, se plasmava e usaria o esquema tripartite, de forma positiva. Com efeito, na carta magna colombiana usar-se-iam as categorias de *indígena* e *afrodescendente* para incluí-los, reconhecer terras, direitos e história, no esquema multicultural de *ser* colombiano.

Os colombianos pré-históricos, aqueles que dão base e origem a Colômbia moderna, seriam definidos por dois campos, pela história escolar e pelos arqueólogos. Os arqueólogos participaram das missões do Governo ditatorial de Rojas Pinilla, mas sua produção está pautada na arqueologia da época²², ou seja, a histórico-cultural americana que, nesse tempo, mudava de roupas, logo seria renovada, e tornar-se-ia o *processualismo*, escola que, como já foi dito, norteia a *prática institucional da arqueologia na Colômbia contemporânea*. Entre 1953 e 1966, concentrar-se-iam no estudo da história arqueológica em regiões do país sem estudar (o casal Alicia e Gerardo Reichel-Dolmatoff), como o Litoral Caribe, como tinham sido designados institucionalmente. Duque Gómez, que seria Diretor do ICAN e reitor da Universidade Nacional de Colômbia explorava mais temáticas da história e antropologia (de arqueologia histórica, se usar vocabulário adequado) nacionais do que as arqueológicas que lhe caracterizavam e competiam.

O marco histórico, o método pedagógico, como alvos principais de estudo da disciplina já tinham sido traçados e identificados pelos membros da Academia de História desde a primeira década do século XX. A arqueologia explorava o passado pré-colombiano segundo o esquema que tinha sido ensinado aos colombianos desde

22 http://www.icanh.gov.co/grupos_investigacion/antropologia_social/publicaciones_serias_antropologia/revista_colombiana_antropologia/8716

1910. Refletia, portanto, o projeto da Colômbia dos conservadores, instituído desde 1886 e reforçado durante as Comemorações do Centenário da Independência desse ano, (AGUDELO, 1995; GUALTERO, 2005; MELO, 2010). Desde os tempos da História da Colômbia de Henao e Arrubla, a arqueologia tinha sido inserida na narrativa oficial colombiana e, junto com Arrubla – que daria o primeiro curso da disciplina no Museu Nacional (AGUILERA, 1951), com o respaldo da Academia de História, o entusiasmo pela pré-história conseguiria se manter. O passado pré-colombiano nos livros de texto para crianças, revistas e Museus era o eixo racial e cultural, a alma da Colômbia. As principais culturas que seriam estudadas anos mais tarde, já estavam identificadas nos manuais de estudo da história pátria. O seu significado para a História nacional estava pautado também.

Essa história, de fato, participaria do processo formativo da mentalidade histórica e arqueológica de antropólogos e arqueólogos nacionais até quase a década de 1980, (cf. HENAO e ARRUBLA, 1920; cf. GÓMEZ, 1984; BOTERO, 2009). Desde 1930, junto com a *Escola Normal* e o *Servicio Nacional de Arqueologia*, chegariam os primeiros arqueólogos profissionais (CHAMORRO, 1986; LANGEBAEK, 2003). A arqueologia pratica-se acorde as categorias historiográficas oitocentistas transmutadas em estágios de desenvolvimento cultural ou sociopolítico: há chefias, sociedades protoestatais, caçador-coletores, etc. O registro interpreta-se seguindo essa pauta. A apresentação dos artigos está feita, geralmente, ao redor da cultura material. Quando aparece o tempo do contato e aí muda a especialização: antropólogos, *etno-historiadores* e historiadores tomam o passado entre suas mãos. Eventualmente, os indígenas somem do “passado” e são redescobertos no século XX. Grosso modo, mantém-se a divisão história/pré-história demarcada na teoria arqueológica; conserva-se o uso da arqueologia processual para a pré-história.

O envolvimento da arqueologia com a política colombiana manteria o proceder e modelos de ser humano do processualismo, no nível teórico, e do anticomunismo generalizado nas Américas no político, de forma tácita: divorciar-se-ia do marxismo (estudado como parte do leque de teorias antropológicas), e adotaria o discurso (cientificista) de que a arqueologia não tratava nem se engajava com política, mesmo estudando-a como motor dos câmbios. Outras arqueologias seriam ignoradas pelos docentes e alunos, ou seu uso e debate seriam mínimos, pois a pesquisa nessa área, como acontecia desde 1950as, era particular aos poucos afortunado que podiam ir ao campo. Mesmo com a chegada da arqueologia de resgate na década de 1990, que permitiria a muitos estudantes e arqueólogos escavar, os procedimentos e modelos institucionalizados adotar-se-iam como norma reguladora da prática. A arqueologia

na Colômbia mantém - manteve-se - bem doutrinada, concorde a política de *respice polum*, e olhando para outras doutrinas regionais e de esquerda de forma desconfiada, marginalizando-as ou, simplesmente, ignorando-as. De fato, estão ainda excluídas. Manteve, de forma naturalizada, a história da Colômbia como contada pelo projeto nacional, de progresso, e de direita liberal e/ou conservadora, construído durante a Guerra Fria. Citamos, com esse intuito, e para fechar, Langebaek, que representa a visão do arqueólogo educado com um discurso historiográfico alheio a realidade nacional e que se apresenta crítico da arqueologia social por motivos cientificamente ambíguos e opacamente políticos:

As Valdez (2004) points out, social archaeology will not make any progress as long as it thinks of itself as a “national” or “Latin American” school of thinking closed to world contributions, or as long as it considers the works produced outside a certain group of colleagues – or even worse, outside Latin America – as reactionary and colonialist. There will be no Marxist archaeology without a deep critique of culture-history and cultural-ecology; without a serious and committed study of the archaeological record. Otherwise, every time we would like to discuss theory or the “correct” way to do things in archaeology we will read the works of “social archaeologists”, but every time we would like to learn more on the pre-Hispanic past we will turn to other sources. And that is a luxury we cannot afford (LANGEBAEK apud FUNARI, ZARANKIN e SALERNO 2009: 21).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AGUDELO, Alexander. *El espíritu de la regeneración y el centenario en el libro Historia de Colombia de Henao y Arrubla: 1886 – 1910*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1995.

AGUDELO, Darío Jaramillo. *La Nueva historia de Colombia*. Colcultura (Instituto Colombiano de Cultura), 1976.

AGUILERA, Miguel. *La Enseñanza de la Historia en Colombia*. Editorial Cultura, (Instituto Panamericano de Geografía e Historia, Comisión de Historia, No. 26, 113, Memorias Sobre la Enseñanza de la Historia, V), 1951.

APPY, Christian G., ed. *Cold War Constructions: The Political Culture of United States Imperialism, 1945-1966*. Univ of Massachusetts Pr., 2000.

ARÉVALO H., Decsi. “Misiones Económicas internacionales en Colombia 1930 - 1960”. *Historia Crítica*, 1997.

BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian. *Latin America between the Second World War and the Cold War, 1944-1948*. Cambridge; New York, NY, USA: Cambridge University Press.

Binford, Lewis R. 1967. «Smudge Pits and Hide Smoking: The Use of Analogy in Archaeological Reasoning». *Ameranti American Antiquity* 32 (1): 1-12, 1992.

——— *En busca del pasado: descifrando el registro arqueológico*. Traducido por Pepa Gasull. Barcelona: Crítica, 2004.

BINFORD, Lewis R. “Archaeology as Anthropology”. *American Antiquity* 28 (2): 217-25. doi:10.2307/278380, 1962.

BOTERO, Clara Isabel. *El redescubrimiento del pasado prehispánico de Colombia: viajeros, arqueólogos y coleccionistas, 1820-1945*. Bogotá D.C.: Instituto Colombiano de Antropología e Historia : Universidad de Los Andes, Facultad de Ciencias Sociales y Centro de Estudios Socioculturales e Internacionales, 2006.

BOTERO, Héctor García. “¿Qué hay en un nombre? La Academia Colombiana de Historia y el estudio de los objetos arqueológicos”. *Memoria y Sociedad*, diciembre, 2009.

CAMACHO, Roberto Pineda. *La historia, los antropólogos y la amazonia*. Bogotá, D.C., Colombia: Universidad de los Andes. <http://site.ebrary.com/id/10345282>, 2005.

——— “La antropología colombiana desde una perspectiva latinoamericana = Colombian anthropology from a Latin American perspective”. *Revista colombiana de antropología* 43: 367-85, 2007.

CAMPOS, Germán Guzmán; BORDA, Orlando Fals; LUNA, Eduardo Umaña. *La violencia en Colombia estudio de un proceso social Tomo I. Tomo I*. Bogotá: Ediciones Tercer mundo, 1962.

CARRANZA, Jeronimo. “La hispanidad en Colombia: Eduardo Carranza y el Instituto de Cultura Hispanica”. *Boletín Cultural y Bibliográfico (Bogotá)* 43 (73): 2-15, 2006.

CASTRO, Fidel. *Plan for the Advancement of Latin America*. Havana, Impr. Nacional de Cuba. <http://archive.org/details/PlanForTheAdvancementOfLatinAmerica>, 1926-.

1959.

CHAMORRO, Milcíades Chaves. *Trayectoria de la Antropología Colombiana. De la Revolución en Marcha al Frente Nacional*. 1.^a ed. Colección Científica. Bogotá, Colombia: Colciencias Editora Guadalupe, 1986.

Colombia, y Dirección de Información y Propaganda. *Seis meses de gobierno*. Bogotá: Impr. Nacional, 1953.

DA COSTA, Maria Conceição; FARIA, Lina. “Cooperação Científica Internacional: Estilos de Atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford”. *DADOS Revista de Ciências Sociais*, 2006.

DIFFIE, Bailey W. 1943. “The Ideology of Hispanidad”. *The Hispanic American Historical Review* 23 (3): 457-82. doi:10.2307/2508538, 1943.

DOLE, Gertrude Evelyn; CARNEIRO, Robert L. *Essays in the Science of Culture: In Honor of Leslie A. White : In Celebration of His Sixtieth Birthday and His Thirtieth Year of Teaching at the University of Michigan*. New York: Crowell, 1960.

ELIAS, Norbert. *El Proceso de La Civilizacion*. México: Fondo de Cultura Economica, 2006.

ELLSWORTH, Elizabeth. “I Pledge Allegiance: The Politics of Reading and Using Educational Films”. *Curriculum Inquiry* 21 (1): 41-64. doi:10.2307/1179850, 1991.

ESCOBAR, Arturo. *La invención del Tercer Mundo*. Caracas: Fundación Editorial el perro y la rana, 2007.

ERAZO, Jorge Serpa. *Rojas Pinilla: una historia del siglo XX*. Santafé de Bogotá, Colombia: Planeta, 1999.

FAJARDO, Luis Eduardo. *From the Alliance for Progress to the Plan Colombia: A Retrospective Look at US Aid to Colombia*. London: LSE, DESTIN, 2003.

FOUCAULT, Michel. 1988. *Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault*.

Editado por Luther H. Martin, Huck Gutman, y Patrick H. Hutton. University of Massachusetts Press, 1988.

——— “Truth and juridical form”. En *Essential works of Foucault : 1954-1984*. Vol. 3. The New Press, 1997.

——— *The birth of biopolitics: lectures at the Collège de France, 1978-79*. Editado por Collège de France. Basingstoke [England]; New York: Palgrave Macmillan, 2008.

FOUCAULT, Michel, y James D Faubion. 2000. *Power*. New York; New York: New Press; Distributed by W.W. Norton.

FRANCO, Jean. *The Decline and Fall of the Lettered City: Latin America in the Cold War*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo A. “Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências”. *Ciência e Cultura* 65 (2): 23-25, 2013.

FUNARI, Pedro; ZARANKIN, Andres; SALERNO, Melissa. eds. *Memories from Darkness: Archaeology of Repression and Resistance in Latin America*. 2010.^a ed. Springer, 2009.

GARCÍA, Laura Ibarra. *Las relaciones entre los sexos en el mundo prehispánico*. 1.^a ed. Mexico,: Ed. Porrúa, 1998.

——— *Sociología del romanticismo mexicano*. Guadalajara, Jalisco: Universidad de Guadalajara, Coordinación General Académica, Unidad para el Desarrollo de la Investigación y el Posgrado, 2004.

——— *La moral en el mundo prehispánico*. 1.^a ed. México: Ed. Porrúa, 2009.

GHODSEE, Kristen; DORN, Charles. “The Cold War Politicization of Literacy: Communism, UNESCO and the World Bank”. *Diplomatic History*. https://www.academia.edu/1828467/The_Cold_War_Politicization_of_Literacy_Communism_UNESCO_and_the_World_Bank, 2012.

GILL, Lesley. *The School of the Americas: Military Training and Political Violence in the Americas*. Duke University Press Books, 2004.

GILMAN, Nils. *Mandarins of the Future: Modernization Theory in Cold War America*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2003.

GIRALDO, Roberto Pineda. *Departamento Técnico de la Seguridad Social Campesina Nr. 2 Nr. 2*. Bogotá: Villegas, 1995.

GÓMEZ, Duque Luis. “Henao y Arrubla”. *Correo de los Andes*, diciembre.

Dux, Günter. 2011. *Historico-genetic Theory of Culture: On the Processual Logic of Cultural Change*. 1., Aufl. Transcript, 1984.

GRANDIN, Greg. *The Last Colonial Massacre: Latin America in the Cold War*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

GUALTERO, María Isabel. “El texto escolar Historia de Colombia de Henao y Arrubla y su relación con el método pedagógico utilizado en Colombia entre 1890-1910”. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

HALPERÍN-DONGHI, Tulio. *Symposium: “Dependency Theory” and Latin American Historiography*. Chapel Hill, North Carolina.

HARTLYN, Jonathan. “Military Governments and the Transition to Civilian Rule: The Colombian Experience of 1957-1958”. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs* 26 (2): 245-81. doi:10.2307/165470, 1984.

HARTOG, François. *Régimes d'historicité : Présentisme et expériences du temps*, 2012.

HENAO, Jesús M.; ARRUBLA, Gerardo. *Historia de Colombia para la enseñanza secundaria*. Librería Colombiana, C. Roldán & Tamayo, 1920.

INGOLD, Tim. *Evolución y vida social*. México: Grijalbo, 1992.

ISAAC, Joel. “The Human Sciences in Cold War America”. *The Historical Journal* 50 (3). doi:http://dx.doi.org/10.1017/S0018246X07006334, 2007.

LANGEBAEK, Carl. *Arqueología Colombiana: Ciencia, Pasado y Exclusion*. Colección Colombia Ciencia y Tecnología. Colciencias Instituto Colombiano Para el Desa, 2003.

LANGEBAEK, Carl Henrik; BOTERO, Clara Isabel. *Arqueología y etnología en Colombia: la creación de una tradición científica*. Bogotá, D.C., Colombia: Universidad de los Andes, Departamento de Antropología, Centro de Estudios Socioculturales, 2009.

LATHAM, Michael E. *Modernization as Ideology: American Social Science and «Nation Building» in the Kennedy Era*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2000.

LEFFLER, Melvyn P. *The Cambridge History of the Cold War*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2010.

LEONOV, Nikolai. “Soviet Intelligence in Latin America During the Cold War”. *Estudios Públicos*, 1999.

LORENZO, José Luis. “Hacia una arqueología social : reunión en Teotihuacán, octubre de 1975”. En México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1976.

LUMBRERAS, Luis Guillermo. *La Arqueología Como Ciencia Social*. Ediciones Peisa, 1981.

MANRIQUE, Carlos Alberto Murgueitio. “Los gobiernos militares de Marcos Pérez Jiménez y Gustavo Rojas Pinilla: nacionalismo, anticomunismo y sus relaciones con los Estados Unidos (1953 – 1957)”. *Revista Historia y Espacio* 25. dintev.univalle.edu.co/revistasunivalle/index.../2666, 2005.

MATTHIAS, Willard C. *America's Strategic Blunders: Intelligence Analysis and National Security Policy, 1936-1991*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2001.

MCLUHAN, Marshall. 1962. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. 1.^a ed. University of Toronto Press, Scholarly Publishing Division, 1962.

——— *Understanding Media: The Extensions of Man*. New American Library, 1964.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. *The Medium Is the Massage*. New York: Random House, 1967.

MCSHERRY, Patrice J. *Predatory States: Operation Condor and Covert War in Latin America*. Rowman & Littlefield Publishers, 2005.

MEDHURST, Martin J. *Cold War Rhetoric Strategy, Metaphor, and Ideology*. East Lansing, Mich.: Michigan State University Press. <http://site.ebrary.com/id/10514507>, 1997.

MEDHURST, Martin J.; BRANDS, H. W. *Critical Reflections on the Cold War Linking Rhetoric and History*. College Station: Texas A & M University Press. <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&scope=site&db=nlebk&db=nlabk&AN=52282>, 2000.

MELO, Jorge Orlando. “La historia de Henao y Arrubla: tolerancia, republicanismo y conservatismo”. En *Entre el Olvido y el Recuerdo: Iconos, lugares de memoria y cánones de la historia y la literatura en Colombia*, editado por Carlos Rincón y Liliana Gómez. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2010.

MIGNOLO, Walter D. *The Idea of Latin America*. 1.^a ed. Wiley-Blackwell, 2006.

MOLANO, Alfredo. *Materiales para la historia de la educación: la polémica educativa de 1946 a 1958 : compilación de editoriales de prensa*. Bogotá, D.E.: Universidad Pedagógica Nacional, Centro de Investigaciones, CIUP, 1979.

——— “Nacimiento de las Farc: De El Davis a Villarrica”. *ElEspectador*. <http://www.elespectador.com/noticias/nacional/nacimiento-de-farc-de-el-davis-villarrica-articulo-497036>, 2014.

MOLANO, Alfredo; César Vera G. *Evolución de la política educativa en el siglo XX: primera parte 1900-1958*. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, Centro de Investigaciones, 1982.

MORAND, Brigitte. «Les ‘ Deux Grands ‘ au balcon. Le couple américain-soviétique dans les manuels scolaires français». *Sociétés & Représentations* n° 26 (2): 97-114. doi:10.3917/sr.026.0097, 2008.

——— «Cinquante ans de Guerre froide: le conflit Est-Ouest raconté par les manuels scolaires français». Paris: l’Harmattan, 2011.

——— “Os manuais escolares, mídia de massa e suporte de representações sociais. O exemplo da Guerra Fria nos manuais franceses de História”. *Pro-posições*, 2012.

MORRIS, Errol. *The Fog of War: Eleven Lessons from the Life of Robert S. McNamara*. Sony Pictures Home Entertainment, 2004.

PINZON, Miguel Malagon; MOTTA, Diego Nicolás Pardo. “Laureano Gómez, la Misión Currie y el proyecto de reforma constitucional de 1952.” *Criterio Jurídico*. (Santiago de Cali) 09 (02): 7-33, 2009.

OYUELA-CAYCEDO, Augusto; ANAYA, Armando; ELERA, Carlos G.; VALDEZ, Lidio M. “Social Archaeology in Latin America?: Comments to T. C. Patterson”. *American Antiquity* 62 (2): 365-74. doi:10.2307/282518, 1997.

PATTERSON, Thomas C. *A Social History of Anthropology in the United States*. Oxford; New York: Berg. <http://site.ebrary.com/id/10231679>, 2001.

PATTERSON, Thomas C. 1994. “Social Archaeology in Latin America: An Appreciation”. *American Antiquity* 59 (3): 531-37, 1994.

REMPE, Dennis M. *The Past as Prologue: A History of U.S. Counterinsurgency Policy in Colombia, 1958-66*. CreateSpace, 2002.

S.A. “Trayectoria de las relaciones diplomáticas y culturales Colombo-Soviéticas”. En *Boletín del Instituto Cultural Colombo-Soviético*, 14-16. Bogotá, Colombia: Nueva Colombia, 1985.

SAUNDERS, Frances Stonor. *The Cultural Cold War: The CIA and the World of Arts and Letters*. New York: New Press : Distributed by W.W. Norton & Co, 2000.

SCHOFIELD, A. J.; COCROFT, Wayne. *A Fearsome Heritage Diverse Legacies of the Cold War*. Walnut Creek, Calif.: Left Coast Press. <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&scope=site&db=nlebk&db=nlabk&AN=398644>, 2009.

TIMES, Special To The New York. “LEAGUE OF NATIONS IN AMERICAS URGED BY 3 LATIN STATES; This Is One of Suggestions in the 17 Favorable Replies to Roosevelt’s Parley Project”. *The New York Times*, abril 13. <http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9B05E7DF143CE53ABC4B52DFB266838D629EDE>, 1936.

TORRES, Cesar Augusto Bermudez. “Dos doctrinas en la práctica de las relaciones internacionales de Colombia durante el siglo XX: respice polum (‘mirar hacia el norte’) y respice similia (‘mirar a los semejantes’)”. *Papel político estudiantil (Bogotá)* 05 (02): 397-427, 2009.

TORRES, César Augusto Bermúdez. «La doctrina respice polum (‘Mirar hacia el norte’) en la práctica de las relaciones internacionales de Colombia durante el siglo XX”. *Memorias. Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe*. <http://www.redalyc.org/resumen.oa?id=85514493011>, 2010.

TRIGGER, Bruce G. *A History of Archaeological Thought*. 2.^a ed. Cambridge University Press, 2006.

UNESCO. *A Handbook for the Improvement of Textbooks and Teaching Materials as Aids to International Understanding*. Paris, 1949.

——— “Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage”. <http://whc.unesco.org/en/conventiontext/>, 1972.

VALLADAO, Alfredo. *Leretur du panamericanisme*. Crest: Ecole polytechnique, 1995.

WALKER, Sheila S.; RASAMIMANANA, Jennifer. “Tarzan in the Classroom: How “Educational” Films Mythologize Africa and Miseducate Americans”. *The Journal of Negro Education* 62 (1): 3-23. doi:10.2307/2295396, 1993.

WAX, Dustin M. *Anthropology at the Dawn of the Cold War: The Influence of Foundations, Mccarthyism, and the*. Pluto Press, 2008.

WHITE, Leslie A. “History, Evolutionism, and Functionalism: Three Types of Interpretation of Culture”. *Soutjanth Southwestern Journal of Anthropology* 1 (2): 221-48, 1945.

WILFORD, Hugh. *The Mighty Wurlitzer: How the CIA Played America*. Harvard University Press, 2009.

WOODS, Randall Bennett. *J. William Fulbright, Vietnam, and the Search for a Cold War Foreign Policy*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1998.

World Bank, Currie, Lauchlin Bernard. *The Basis of a Development Program for Colombia, Report of a Mission Headed by Lauchlin Currie and Sponsored by the International Bank for Reconstruction and Development, in Collaboration with the Government of Colombia*. [Baltimore: Published for International Bank for Reconstruction and Development by the Johns Hopkins Press, 1952.

ZUBOK, V. M. *A Failed Empire: The Soviet Union in the Cold War from Stalin to Gorbachev*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.